



Ciclo de conferências **FESTA DA FÉ** (Quando a fé inspira poetas e músicos), Igreja de S. Francisco, 1 de junho 2013

**O lugar da fé na obra de AFONSO LOPES VIEIRA** por Cristina Nobre

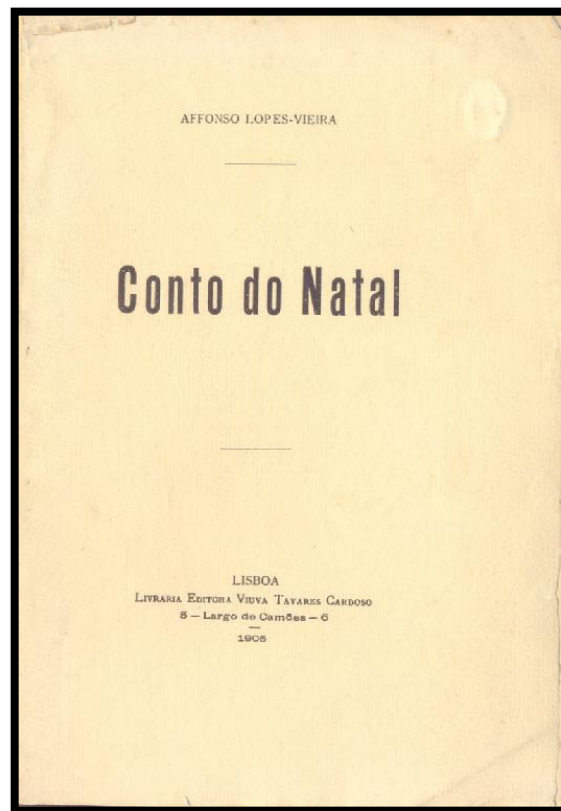


# Afonso Lopes Vieira (1878 - 1946)

*Ele veio ao mundo , | e o mundo **não** O conheceu .  
E os Seus **não** O receberam . | Mas a todos os que O receberam ,  
e aos que Nele creem , | deu-lhes o poder de se tornarem  
filhos de Deus .  
(Jo 1, 11)*



- um **1.º momento** conflitual (interrogação e questionamento): a imagem de Jesus Cristo é posta em causa através da desconstrução de uma série de verdades ortodoxas da fé católica;
- um **2.º momento**, de busca de uma solução religiosa na comunhão com a mãe-natureza e com a imagem modelar de alguns homens-heróis ou santos, como S. Francisco de Assis;
- um **3.º momento**, de apaziguamento das dilacerações existenciais e religiosas, no entendimento modelar da vida exemplar do português St.º António.



**CONTO DO NATAL**, de 1905, é o texto que com mais veemência põe em causa uma certa imagem de Deus e do catolicismo até aí aceite e venerado pela sociedade e pela literatura portuguesas.

Sob a capa da ironia, todo o poema gira à volta da inversão da jornada típica da literatura finissecular — o mendigo triste, que é Jesus, não termina mas reinicia a sua caminhada pelo mundo, visitando primeiro um Rico, na Cidade, e depois um Pobre, no Campo, para ser confrontado com a mesma desilusão sem remédio perante o espetáculo da Dor humana:

**Jesus partiu... Já descórava a luz  
Das estrelas, na noite silenciosa.**

**E chorava na alma de Jesus  
| A Vida, a grande Mater Dolorosa!... [CN: 21].**

A fase seguinte da obra de ALV pode ler-se como uma fuga para a frente, uma tentativa de encontrar respostas positivas e construtivas para as silenciadas, mais do que provocatórias, inquietações e reflexões de ***Conto do Natal***.

A dor finissecular cede o seu lugar à adoração da beleza em todas as suas mínimas formas — nas formas ínfimas do significante, na sugestão musical, na natureza como reflexo de uma perfeição divina.

Foi este o foco de luz harmonioso que lhe permitiu encontrar uma solução otimista para a dilaceração existencial. **A poesia no coração da ideia**, a suprema ilusão da arte como redenção da vida. Ou as múltiplas faces de Apolo em fuga perante o negro de todas as hesitações, o trabalho da poesia como harmonia suprema do universo.

Vale a pena ler mais uma vez esse cântico de - **O Pão e as Rosas** (1908) - como o enunciar de um programa poético da **abdicação|aceitação** do repouso nessa outra religião que é a **Natureza**:

## CANTICO AO SOL

Louvada sêjas, tu, mãe Natureza,  
mãe gloriosa e bela da Belêza,  
— e com tôdas as tuas criaturas —  
pelo irmão senhôr Sol, o mais bondoso  
e gloriôso irmão pelas alturas,  
o verdadeiro, o belo, que alumia  
criando a pura glória — a luz do dia!

Louvada sêjas p'las irmans estrêlas,  
pela irman lua derramando o luar,  
belas, claras irmans silenciosas  
e luminosas e suspensas no ar.

Louvada sêjas p'la irman nuvem que ha de  
dar-nos a fina chuva que consola;  
p'lo céu azul e pela tempestade,  
p'lo irmão vento que rebrame e rola.

Louvada sêjas pela preciosa,  
bondosa água, irman util e bela,  
que brota humilde, é casta e se oferece  
a tôdo que apetece o gôsto della.

Louvada sêjas pela maravilha  
que rebrilha no lume, irmão ardente,  
tão forte que amanhece a noite escura  
e tão amavel que alumia a gente.

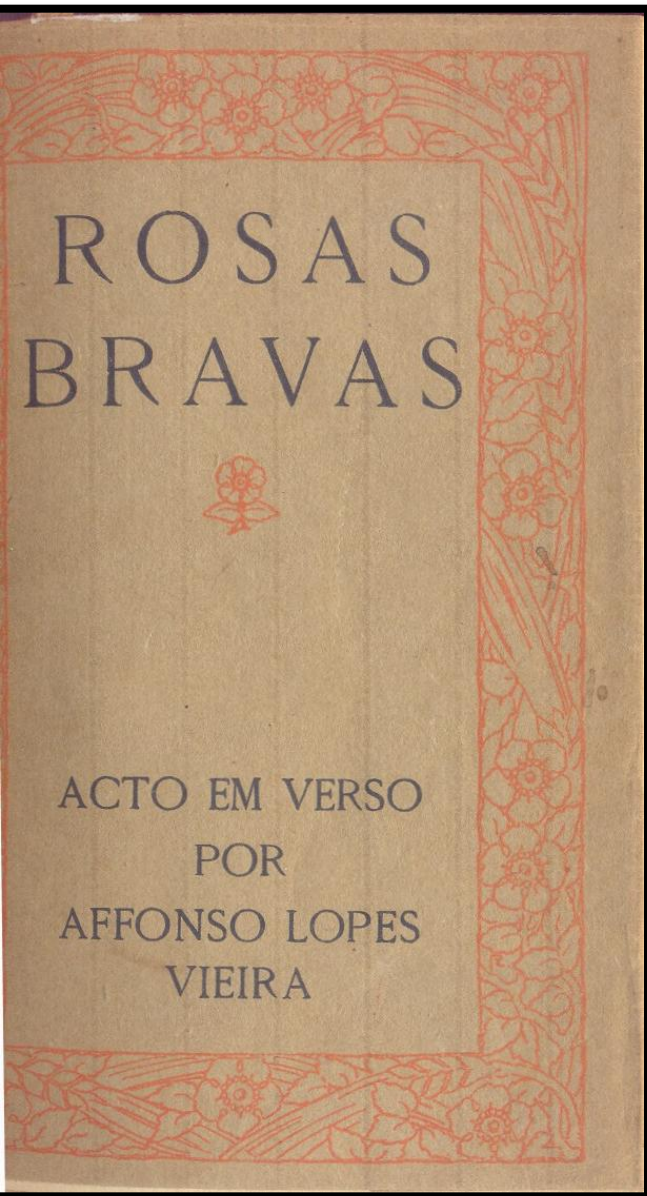
Louvada sêjas pelos teus amôres,  
pela irman madre terra e seus primôres,  
que nos ampara e oferta os seus produtos,  
árvores, frutos, ervas, pão e flôres.

Louvada sêjas pelos que passaram  
os tormentos do mundo dolorosos  
e contentes sorrindo perdoaram;  
pela alegria dos que trabalharam  
e p'la morte serêna dos bondosos.

Louvada sêjas, mãe querida,  
porque és mãe, porque és bela, porque és  
[forte:

louvada pela irman Vida,  
louvada pela irman Morte.

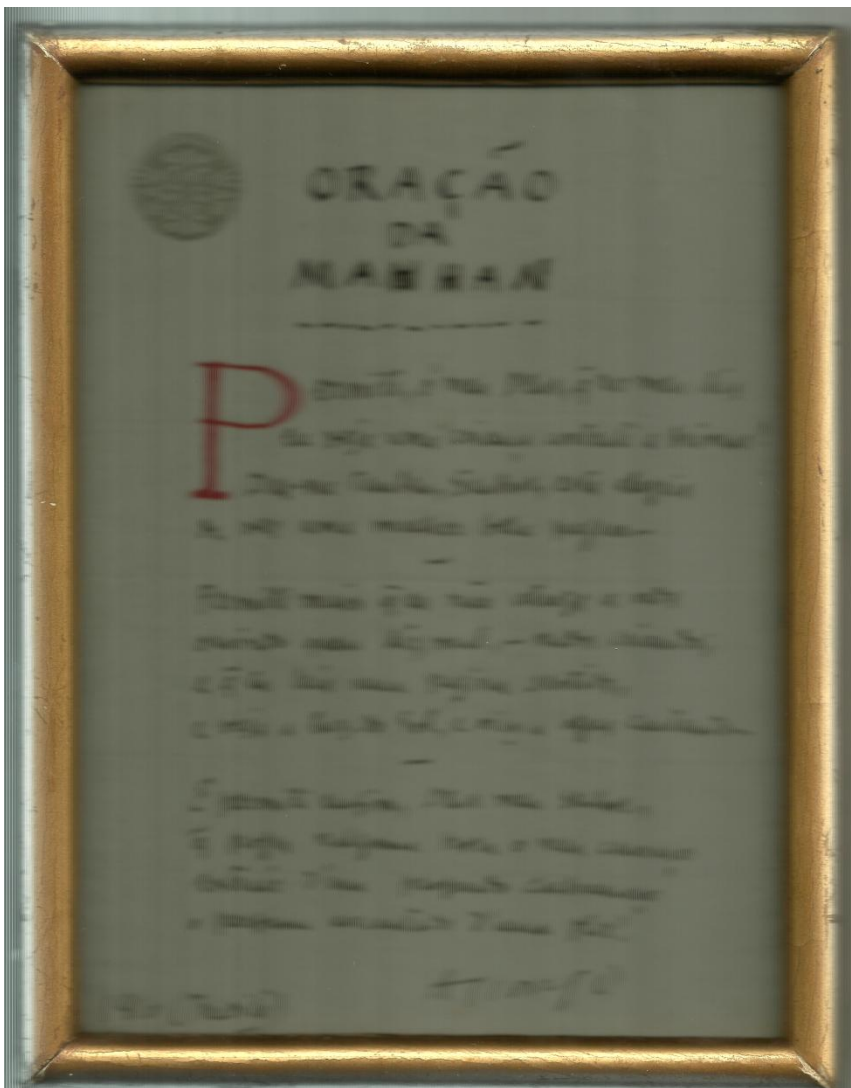
## ***Rosas Bravas* (1911)**



## ***Canções do Vento e do Sol* (1911)**



**[...] os poetas, que são poetas porque têm nos olhos a recôndita agudeza que vem de fitar o àlem, e de amorosamente contemplarem nas coisas que inda são, o que ellas eram [...] [CVS: 11].**



## **ORAÇÃO DA MANHÃ**

**Permiti, ó meu Deus, q no meu dia  
Eu veja uma criança contente a brincar!  
Dai-me também, Senhor, esta alegria  
De ver uma mulher bela passar...**

**Permiti mais q eu não atrase a vida  
Ouvindo quem diz mal, - nada criando;  
E q eu leia uma página sentida,  
E veja a luz do Sol, e oiça a água cantando...**

**E permiti enfim, Deus meu Senhor,  
Q possa nalguma hora o meu cansaço  
Extrair dum profundo calhamaço  
O perfume encantado duma flor!**

Affonso

1910 (Inédito)

Florinha de S. Francisco  
de Apsis

Uma noite, Francisco foi tentado  
pela lembrança íntima d'um fiar;  
pensou q' era douz-se casado  
e tã a roda filhos a chibear.

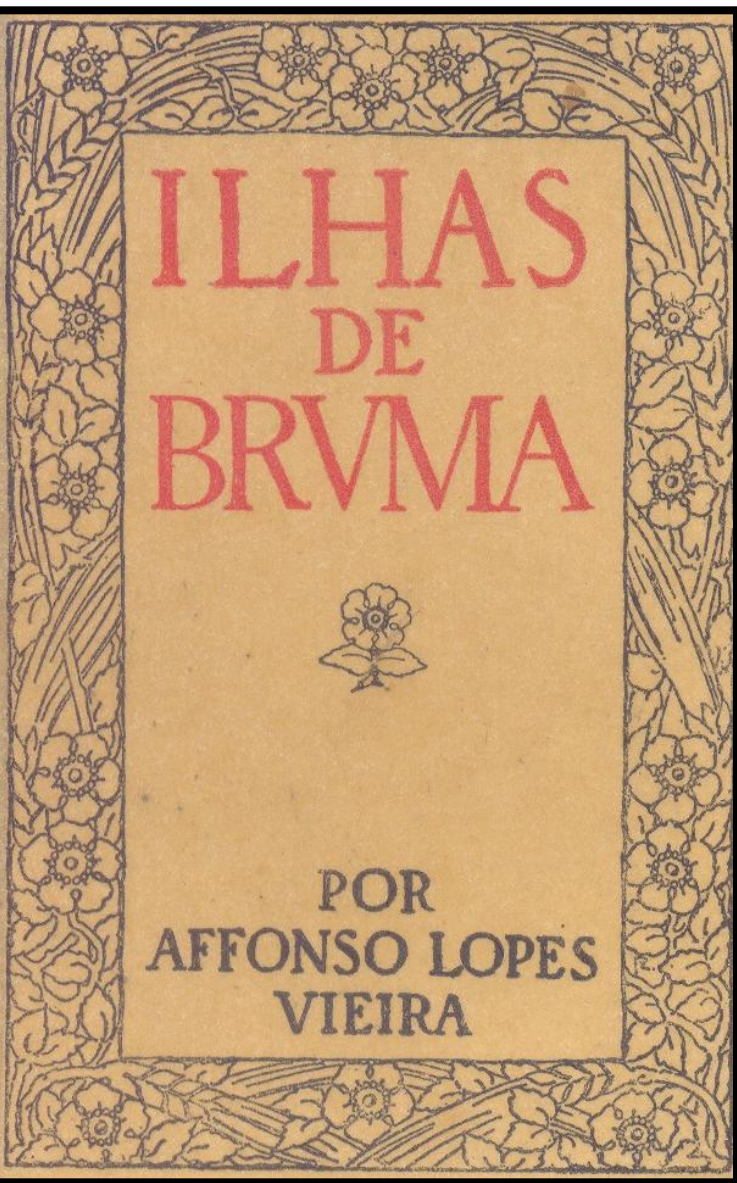
Cabria a neve palida do ar.

Francisco então, dormindo e enregelado,  
sete bonecos nã-te a fabricar  
de neve, e dis ao tã-los acabado:

— Eis a tua familia. Esta sera'  
a tua mulherzinha, q' tã adra;  
eis os teus filhos e os criados teus...

Anda, anda, trata de vesti-los já  
e de nelles cuidar!... Ah! mas agora  
ainda perdences todo, todo, a Deus?

Alfonso



No ano de **1917**, atravessado por uma I Guerra Mundial de má memória e piores recordações, Portugal vivia um clímax religioso nas visões dos três pastorinhos na Cova da Iria. ALV atravessa várias crises depressivas por esta época e hesita quanto à publicação de um novo livro de versos — ***Ilhas de Bruma*** — em tempos de tal modo dramáticos que a sua intenção poderia ser mal compreendida:

Publicando êste livro, escrito já durante a Guerra, e por bastante tempo conservado na deleitosa intimidade do inédito, não agradaria ao autor — e quase só para si mesmo êle o diz — que a sua atitude fôsse tomada por lamentável egoísmo de letrado, alheio á Dor da sua época. É que, escrevendo versos — que apenas o são quando fôrem música e sonho — o autor não pretende fazer 'literatura'; obedece ao mando do seu ritmo interior, e só os escreve quando êles 'querem'.

Mas se, porventura, houver neste livro um verso único que ajude a exprimir a Alma Portuguesa, o autor considerará êste piqueno poema, em tal hora vindo, como sendo mais uma afirmação do supremo caracter da Raça — o Lirismo.

Lisboa, 8 de Abril de 1917.

Para José Agostinho, autor do texto intitulado *A religião e a Arte*, de 1912, a simbiose entre a arte e a religião portuguesas apareceu, nesta época, como uma linha de continuidade natural e de identidade popular há muito assimilada, onde se projetavam, numa outra reverberação espontânea da figura de Jesus Cristo, as figuras de santos, como **S. Francisco** ou **St.º António**.

A acreditarmos nas palavras de Costa Brochado, por esta época terá também ALV presenciado o *milagre do Sol*.

Leia-se o relato (ficcionalizado?) do acontecimento, testemunhado por ALV, feito pelo historiador no livro *As aparições de Fátima*:

Temos o precioso depoimento do grande Poeta Afonso Lopes Vieira, que, encontrando-se com a família, em sua casa de S. Pedro de Muel, a 50 quilómetros de Fátima, foi surpreendido, na varanda onde trabalhava, ao meio dia de 13 de Outubro de 1917, com os espantosos fenómenos solares àquela hora desenrolados na Cova da Iria, descendo ao terreiro, entusiasmado, chamando sua esposa e sogra, com a mais viva emoção:

— Depressa! depressa! Venham ver, venham ver!

O Poeta contava este facto aos seus íntimos, com profunda convicção, e sua viúva, Sr.ª D. Helena Aboim Lopes Vieira, confirmou-o, agora, explicando que tendo seguido à pressa o Poeta até à varanda, com as demais pessoas presentes, daí observaram o maravilhoso espectáculo que depois souberam ter-se produzido na Cova da Iria. (Brochado, 1952).



## Avé da Fátima



A terra de Maio,  
na Cova de Iria,  
agor' ora, brilhando,  
a Virgem Maria.

Ócio

Avé, Avé, Avé, Maria  
Avé, Avé, Avé, Maria

A Virgem Maria,  
coroada de luz,  
noiva Mãe bendita  
e Mãe de Jesus.

Co' os milões de guerra,  
o mundo cobria;  
Portugal ferido  
sangrava e gemia.

Foi aos pastores  
que a Virgem falou.  
Desde então as almas  
novas luz brilhou!



Com doces palavras  
mandou-nos ouvir  
a Virgem Maria  
para nos salvar.

Avé

Amba logo a Patria  
estendeu a seu mal.  
E a Virgem bendita  
salvou Portugal!

Avé

Nos tempos escuros  
nosos escuros  
que nos fez a Virgem  
determinações.

Avé

Falou contra o luxo,  
contra o impudor  
de imoderadas modas  
de um pecador.

Avé

Dize que a patria  
agrada a Jesus,  
dize que a luz  
no fogo acabou.

Avé

A terra de Outubro  
foi o seu adeus,  
e a Virgem Maria  
volou para os Céus.

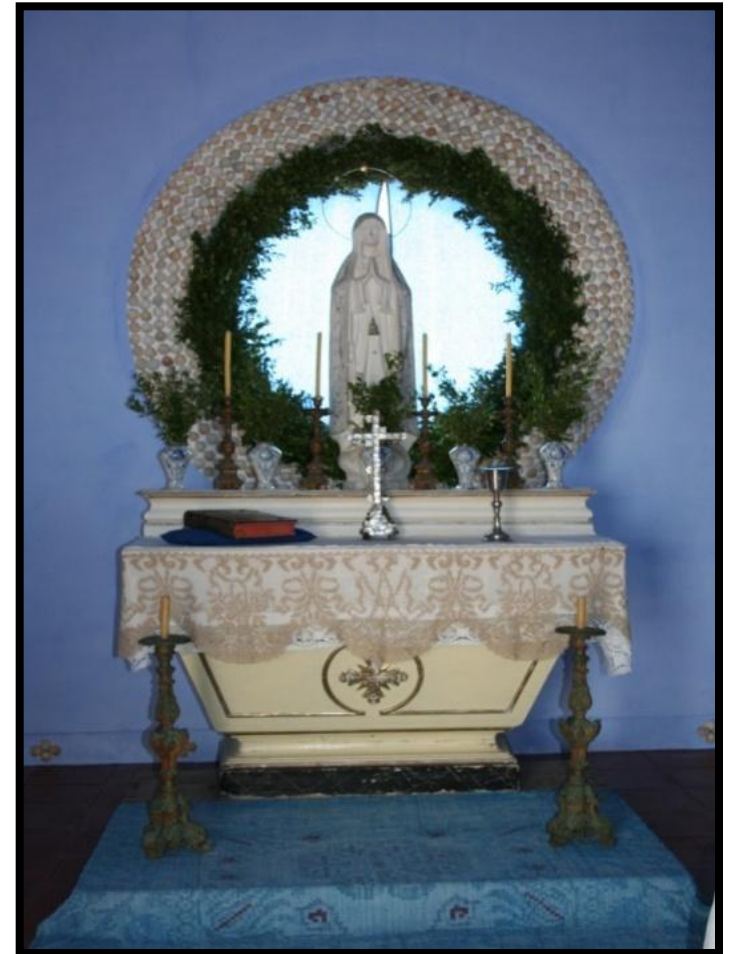
Avé

A Patria que é tua,  
Bandeira dos Céus,  
daí Honra, alegria  
e Graça de Deus.

Avé



A capelinha dedicada a N<sup>a</sup>. Sr.<sup>a</sup> de Fátima é inaugurada em **1929** e alguma da correspondência particular de ALV com os seus amigos mais íntimos versa a preparação da festa de inauguração, durante a qual se celebraram casamentos de populares naturais da povoação de S. Pedro de Moel, bem como batizados de crianças fruto dessas ligações naturais.



Em **1931**, de colab. com o polémico músico Ruy Coelho, ALV escreve a letra para a **Oratória *Fátima*** [FO], num reconto poético da aparição de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima aos três pastorinhos.

Na cena IV, a Virgem fala aos pastorinhos, adverte-os de que foram os escolhidos para transmitir a boa nova ao povo, revela que novas aparições se voltarão a fazer no futuro, e transmite-lhes a sua mensagem divina:

**Escutai-me, pastorinhos, pastorinhos todos três,  
que eu desci do azul dos ceus para falar com vocês.**

**Ai que dor; que dor que por êsse mundo vai!**

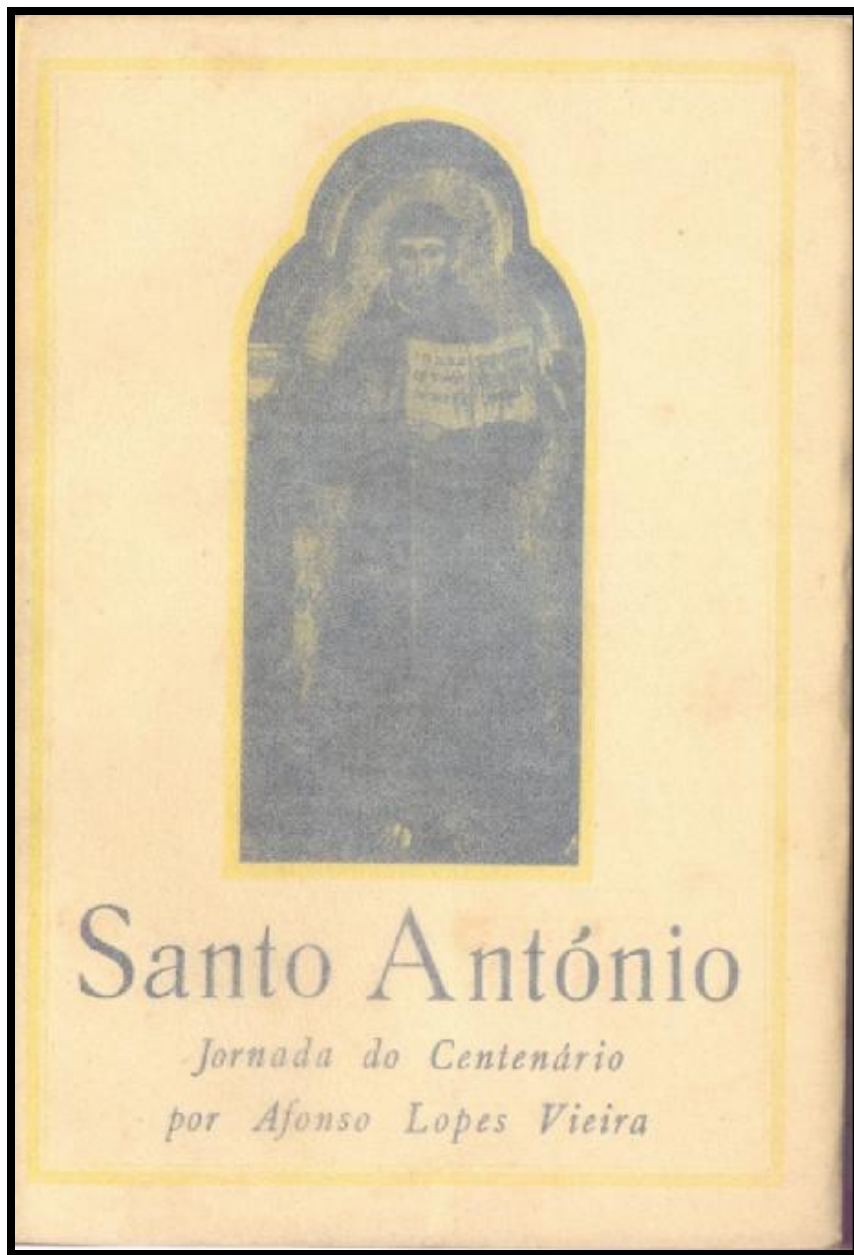
**Jesus é o Pai Salvador  
eu, Maria, sou o Amor.**

**Digam ao povo por aí que eu vim livrá-lo do mal,  
que seja bom, e que reze, p'la terra de Portugal.  
Nos cinco meses chegados, a treze de cada mês,  
voltem aqui, pastorinhos, p'ra eu falar com vocês.**

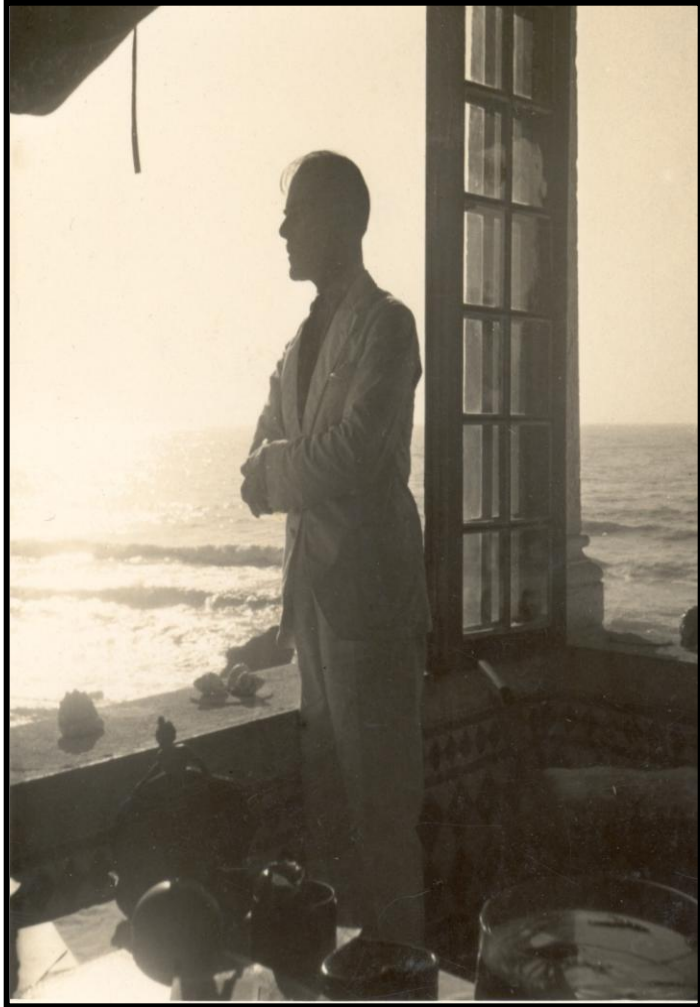
**Ai que dor; que dor que por êsse mundo vai!**

**Jesus é o Pai Salvador  
Eu, Maria, sou o Amor!**

**Ave Maria cheia de Graça, Ave, Ave, Ave Maria.**



Calcorreando os lugares de Lisboa e de Coimbra que Fernando de Bulhões (nome laico do santo, tanto quanto a investigação pôde apurar) percorreu, e embrenhando-se em Itália, de Pádua a Assis. Numa 2.<sup>a</sup> romagem por Itália, ALV vai escrevendo várias crónicas de viagem que envia para o *Diário de Lisboa*, e que acabaram por constituir o volume ***Santo António — Jornada do Centenário*** [SAJC], de **1932**.



Iniciando a vida literária e social num ambiente de **revolução republicana** e de algum **anticlericalismo**, a obra da juventude de ALV reflete uma inquietação metafísica e ontológica que transforma a figura de Jesus Cristo em responsável direto por um diálogo frustrado entre a humana dor e a divindade impotente, como vimos em ***Conto do Natal***.

O caminho da maturidade será também um trilho de soluções variadas, entre as quais a do **abraço maternal da mãe-natureza**, numa comunhão e aceitação dos pequenos nadas da vida e do quotidiano, presente em obras adultas como ***O Pão e as Rosas***, ***Rosas Bravas*** ou ***Canções do Vento e do Sol***, que evolui para um encontro de uma poética mais pessoalizada em que **o amor das coisas portuguesas** se torna determinante.

Só uma revelação do tamanho do ***milagre do sol*** poderia fazer ALV inscrever-se deliberada, consciente e abertamente numa vertente religiosa da literatura, onde até aí apenas tinha tocado, mas sem nunca a tomar como única opção estética.

**Roger Garaudy**, no seu inquietante estudo ***Será que precisamos de Deus?*** (1993), procura encontrar o ponto de viragem em que o Ocidente substituiu **Deus** pelo **Homem**, entrando assim numa lógica outra, a da onnipotência humana:

Esta pergunta nunca se pôs, em nenhum ponto do mundo, porque as religiões, todas as religiões e todas as sabedorias, ensinavam ao homem as suas origens e os fins últimos da sua vida.

[...]

Na primeira metade do século XX, a grande crise de 1929 e duas guerras mundiais puseram em questão esse optimismo.

Nasceram então, de Heidegger a Sartre, e depois a Foucault, as ideologias sem esperança do **nada** e do **absurdo**, depois da **morte do homem** após a de **Deus**. (Garaudy, 1995: 12)